

Iconografia

Iconografia

Cartografia histórica

Neimar Machado de Sousa

Ao se enfatizar as fontes que os trabalhos históricos tomam por base em suas reflexões nem sempre consideram-se os mapas históricos como uma categoria dentro das fontes iconográficas.

As dificuldades em atualizar as informações cartográficas produzidas pelos jesuítas no século XVII referentes ao Itatim são inúmeras. Os mapas jesuíticos utilizam outro sistema de referência e medida: a longitude era obtida através da medida em graus dos ângulos formados entre a distância dos astros e a linha do horizonte e depois convertida em léguas (a légua jesuítica é diferente da légua espanhola) e jornadas (distância percorrida por um dia de caminhada), medidas não sempre tão precisas.

Para o historiador, a atualização histórica dos mapas deve levar em conta problemas de interpretação. Isto ocorre porque os mapas como instrumentos de representação de lugares se tornam uma representação a ser interpretada.

Na figura 01 há a reprodução do mapa n. 95 da Cartografia Jesuítica onde está representada toda a província do Itatim¹. Alguns detalhes neste mapa merecem destaque: a proximidade da aldeia Araquay do cacique Paracu e o seu posterior abandono

¹ Designação da região onde os jesuítas espanhóis da província do Paraguai (1609) estabeleceram reduções entre 1631-1659 e que atualmente localiza-se no estado de Mato Grosso do Sul em território brasileiro percorrido pelos bandeirantes (Raposo Tavares) em busca de índios para serem “preados” e rota para as monções cuiabanas.

após os ataques bandeirantes de 1632; o estabelecimento da Missão Nuestra Señora de la Fe na margem esquerda do rio Miranda (Mbotetey²) e muito próxima à sua desembocadura no rio Paraguai. Um detalhe interessante é que o mapa traz barra acima do rio Miranda, um símbolo que se assemelha a uma ponte, mas que uma análise das condições técnicas da época e materiais da redução permitem deduzir que o símbolo indica um local de passagem para a outra banda do rio Paraguai.

O ponto onde a passagem para a outra margem estava localizada acima da desembocadura do Miranda pela razão prática de evitar os terrenos pedregosos e a forte correnteza comum nestes locais.

O mapa traz ainda representada a serra de Maracaju, a povoação de Xerez, os povoados de Ipané e Guarambaré, da Missão de Santo Ignacio Caaguazu e dos muitos ervais nativos que havia na região do Itatin.

Muito embora as fontes escritas não forneçam as coordenadas precisas da localização das missões, o mapa *La Provincia del Itatin* deve ser tomado com certas ressalvas devido à margem de erro dos instrumentos disponíveis no século XVII.

O mapa original traz ainda uma marcação longitudinal diferente daquela utilizada atualmente (0° a 180° a partir do meridiano de Greenwich) que varia entre 0° a 360°. O meridiano zero utilizado como referência pelo desenhista deste mapa é desconhecido, provavelmente é a Espanha e, neste caso, haveria assim um erro de 8 graus.

Uma análise mais detalhada do mapa mostra um braço do rio Miranda que no mapa do MS (IBGE, 1995) não aponta e que desapareceu. A causa do desaparecimento é provavelmente o assoreamento, uma vez que estava localizado em área de várzea e sujeito a inundações.

A cartografia histórica, além de ser um exercício metodológico interdisciplinar que aproxima história e geografia, cumpre uma função de relevância comunitária porque aumenta o conhecimento sobre os territórios tradicionalmente ocupados pelas populações indígenas, especialmente no Mato Grosso do Sul, onde a melhora das condições materiais das populações nativas perpassa, necessariamente, pela demarcação de seus territórios tradicionais.

² Alguns autores trazem a expressão Butetey suprimindo a letra “m” inicial. Porém, para um não falante da língua guarani torna-se praticamente impossível saber que esta palavra possui uma nasalização antes de ser pronunciada. Sendo assim, a nasalização está representada graficamente pela letra “m”.

Neste contexto, a figura 2 reproduz um mapa étnico desenhado por Guido Boggiani e publicado na Argentina, no final do século XIX. O mapa traz representados os povos indígenas a partir do rio Paraguai entre os paralelos 19 e 26 de latitude sul, portanto, envolve etnias localizadas no Brasil, Paraguai e Bolívia.

Alguns elementos do mapa são bastante esclarecedores, como o despovoamento guarani do antigo território do Itatim, fruto dos ataques dos bandeirantes paulistas e a posterior migração e concentração das reduções jesuíticas nas proximidades de Assunção, abaixo do rio Apa (*Guaviaño*). Um movimento migratório de grandes proporções.

O mapa étnico grava os territórios dos Terena, *quiniquinao* e Guaná (do Chaco e de Miranda). A família Guaycuru também está representada pelos Kadiwéu, Payaguá, Toba (do Tobatin), entre outros.

Referências bibliográficas

BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: São Nicolau, 1954.

FURLONG, G. *Los jesuitas y la cultura rioplatense*. Montevideo: Urta Y Curbelo - Soriano, 1933.

_____. *Misiones y sus pueblos Guaranies*. Buenos Aires - Argentina, 1962.

